



A SEMIÓTICA EM “O LOUCO” NO TARÔ

THE TAROT CARD “THE FOOL” AND ITS SEMIOTICS

Mirna Xavier Gonçalves¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO

A construção de sentido ocupa um espaço de grande importância para o tarô como objeto da história da cultura, e os caminhos tomados para a leitura dessas imagens são tão diversos quanto as variedades de ilustrações que estão disponíveis na contemporaneidade. No entanto, um dos caminhos mais percorridos para esse fim é a semiótica, em especial a semiótica francesa, que, através dos trabalhos de Ana Cláudia Oliveira, guiarão esse artigo em um estudo de caso perscrutando a construção de sentido da carta O Louco, em muitas de suas versões. Este trabalho intenciona exibir a potência do trabalho do(a/e) ilustrador(a/e) como direcionador da construção de sentido, utilizando da semiótica como um *modus operandi* para tal.

Palavras-Chave: Tarot. Análise Semiótica. Semiótica Francesa. Iconografia. Ilustração.

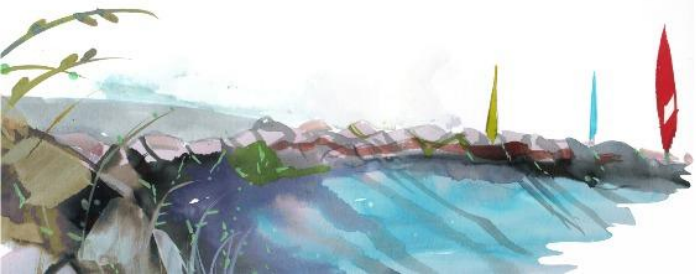
ABSTRACT

The construction of meaning occupies a space of great importance for the tarot as an object of cultural history, and the paths taken to read these images are as diverse as the varieties of illustrations that are available today. However, one of the most widely used paths to achieve this is semiotics, especially French semiotics, which, through the work of Ana Cláudia Oliveira, will guide this article in a case study examining the construction of meaning of the Fool card, in many of its versions. This work intends to demonstrate the power of the illustrator's work as a guide for the construction of meaning, using semiotics as a modus operandi for this purpose.

KEYWORDS: Tarot. Semiotic Analysis. French Semiotics. Iconography. Illustration.

Introdução

A presença do tarô na história da cultura data de séculos atrás, passando por diferentes países, bebendo em diversas fontes para a elaboração de suas ilustrações e tendo múltiplas funções ao longo desse tempo. Dentre elas, está a função de aconselhar ou prever o futuro, capacidade incumbida ao tarô de maneira secundária desde o início de sua trajetória ao longo da Europa proto-renascentista (KAPLAN, 1978).



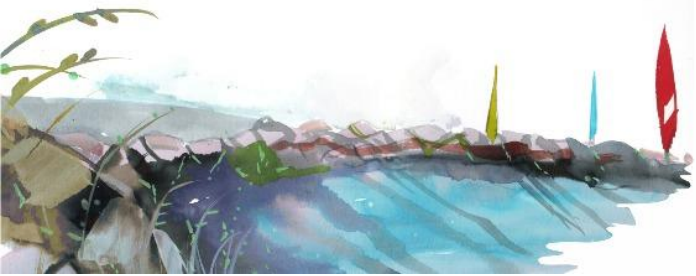
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Essa função adquire um espaço central na história do tarô a partir do século XIX, quando sociedades esotéricas da Grã-Bretanha popularizam e imbuem de maneira quase definitiva um caráter premonitório ou de conselho, que aqui será chamado de oracular, ecoando com as tradições gregas, apesar de, na prática, o baralho se assemelhar a uma prática mântica, como as atividades gregas envolvendo o *astragalós*, ou *astragaloí*, ossos de tornozelo de cabra que exerciam função lúdica, além da premonitória, (astragalomancia), sendo encontradas em túmulos, por exemplo, e tinham relação com o deus Hermes, ao invés do senhor dos oráculos, Apolo, que, na trajetória da antiguidade grega, assumia esse papel através do templo em Delfos, guiado pela sacerdotisa que, enquanto em transe, proferia profecias que seriam vindas do próprio deus arqueiro (THOMAS ET AL., 2022).

Essas profecias, muitas vezes, tinham caráter de fomentar reflexão, como o mítico caso da mortal Psyche, cuja profecia contada por Ovídio nas Metamorfoses mencionava seu casamento com um terrível e inescapável monstro, que, posteriormente, descobriu ser Eros, a força inescapável do amor. A mesma premissa é atribuída ao tarô em relação àqueles que nele creem, que buscam conselhos através de suas lâminas, interpretadas pelos cartomantes através de diversas maneiras, mas que, num geral, visam constituir uma narrativa guiada através das cartas. Dentre esses modos de leitura está o uso da semiótica para elaborar o sentido das imagens das cartas que, sozinhas ou em conjunto, podem potencializar diferentes sentidos. Essas imagens, apesar de terem um padrão recorrente e fundamental, variam em cada baralho, chegando à abstração em alguns casos, ou, em oposição, mantendo rigidamente a iconografia do século XIV.

O elaborador do baralho, o ilustrador e o cânone visual estabelecido por baralhos como o de Marselha, o tarô Sola-Busca ou o tarô Visconti-Sforza são, majoritariamente, quem dita a composição da carta em sua concepção. Quando as cartas são postas na mesa, elas recebem mais uma camada de autoria nas mãos dos cartomantes e nos ouvidos dos consulentes, ou seja, aqueles que recebem a leitura.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Essas etapas de elaboração das imagens e seus sentidos interferem ativamente umas nas outras, com um dos casos mais conhecidos sendo o de Pamela Colman Smith (1878-1951), ilustradora de um dos baralhos de maior circulação da história do tarô, o baralho Rider-Waite-Smith, ou somente Waite-Smith, que, por conta de sua iniciação básica na *Ordem Hermética da Aurora Dourada* (aqui, posteriormente referenciada como *Golden Dawn*), não recebe acesso a informações aprofundadas sobre os simbolismos das imagens que estava sendo contratada para ilustrar, tendo que elaborar a iconografia apesar dessa barreira de trabalho (KAPLAN, 1978).

Na contemporaneidade, o estudo do tarô se aprofunda em sua história e compreende, cada dia mais, as limitações anteriormente impostas aos seus ilustradores e estudiosos e, por conta disso, pesquisadores independentes como Nei Naiff demarcam a relevância da poética dos artistas para a elaboração de cada baralho, concedendo-lhes liberdade criativa acima da rigidez do cânone visual alegórico (NAIFF, 2017). Ao instruir futuros tarólogos, – aqueles que estudam e/ou leem o tarô como forma de cartomancia – Naiff opta por armá-los com as ferramentas necessárias para interpretar uma imagem sem depender unicamente da adesão ao cânone, empoderando esses estudantes a encontrarem novas e variadas interpretações das imagens. Curiosamente, esse movimento é um eco, uma sobrevivência, do que de passou com o estudo de iconologia, que passa a se desprender do cânone proposto por Erwin Panofsky (1892-1968), para alcançar um panorama colaborativo e modular, como o encabeçado por Georges Didi-Huberman (1952-).

Desse modo, o tarólogo que atua como cartomante tem autonomia para desenvolver em tempo real uma leitura de imagens que faça sentido para si, para o seu consulente, e corresponda às referências canônicas do tarô, se utilizando das ferramentas que estão disponíveis em seu arsenal para ser bem-sucedido nessa tarefa. O pesquisador em artes visuais Nadam Guerra perscruta esse potencial dentro do espaço acadêmico, conceituando o artista-mago, em referência à carta *O Mago*, do tarô, bem como seu simbolismo de capacidade criativa infinda (GUERRA, 2019).



A Semiótica de *O Louco*

Adiciono ao ponto de vista de Guerra a necessidade da presença da carta *O Louco* como uma etapa anterior ao direcionamento criativo e pulsante de *O Mago*. A carta *O Louco* (Imagem 1), com seus significados de abertura ao desconhecido, de uma ingenuidade curiosa e potente, remete à proposta de Didi-Huberman em *Atlas, ou o gaio saber inquieto*, onde o autor atribui os louros de uma pesquisa à ansiedade de conhecer, à curiosidade e a satisfação de conduzir uma investigação (DIDI-HUBERMAN, 2018). Essa potência teórica se vê representada na composição visual da carta criada por Pamela Smith, que iremos observar sob o olhar da semiótica visual proposta por Ana Cláudia Oliveira, que bebe nas fontes da semiótica de A. J. Greimas (1917-1992), propositor dos aspectos fundamentais da semiótica plástica francesa (GREIMAS, 1984).



Imagem 1. O Louco. Ilustrado por Pamela Colman Smith para o Tarô encomendado por Arthur Waite. 1909. Inglaterra. 7cm x 11,5cm.



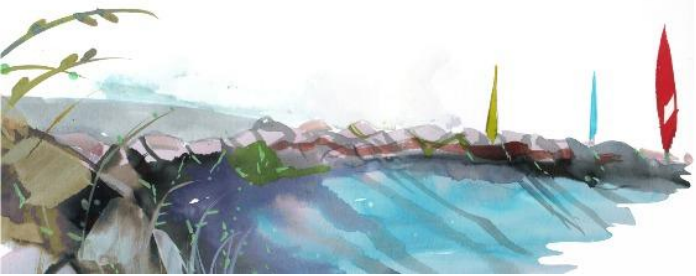
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A autora traça o seguinte panorama sobre a observação semiótica das imagens, direcionando-se à pintura:

[O espaço da tela] — e não a história da vida do pintor, a sua biografia, as suas postulações escritas e todas as histórias ou anedotas sobre a encomenda e a execução da pintura — é o objeto de trabalho do semioticista. Em outras palavras, somente o que ele vê no espaço da tela é passível de descrição e análise pelos efeitos de sentido que essa estrutura produz. A semiótica fornece métodos de descrição da pintura e nessa medida ela nos fornece meios de apreciá-la — o que já é aproximar-se esteticamente dela. Uma pintura, um conjunto de qualidades que são estruturadas num todo uno e complexo, mostra-se por si mesma àquele que a contempla. De uma visão global do que é mostrado, o olho, órgão que opera inteiramente por contrastes, traça percursos cujas estratégias definem-se no e pelo perceber as partes do todo ou o todo e suas partes. Essa duplicidade dos modos de ver — que podem um se impor sobre o outro, ou atuarem em combinatória, ora um, ora outro — só se define em função do que se vê e não previamente; e como já esclareceram os gestaltistas o todo não é a soma das partes: é algo mais... Entre esse ir e vir a comparação entre a presença ou a ausência de traços e o estabelecimento das semelhanças e das diferenças tornam visível o percebido, fazendo emergir dos perceptos das partes o arranjo relacional da configuração do todo ou, ao contrário, através dos perceptos globais, as suas constituintes elementares. (OLIVEIRA, 1995)

Ela, bebendo nas fontes greimasianas, confere à pintura, seu objeto de estudo, duas camadas: o plano de expressão e o de conteúdo, que considero plausível aplicar às cartas de tarô, que dividem de muitas questões caras à pintura. Oliveira menciona, na citação anterior, a importância de se voltar exclusivamente à imagem, desconsiderando aspectos anedotais possivelmente relevantes ao artista e ao contexto da obra. Acredito que, apesar de um exercício importante, esse movimento não se mostra infalível para uma análise, levando em conta que muitos aspectos anedotais podem trazer mais clareza ao estudo, que não deve, contudo, se perder nas narrativas evocadas pelas questões “por trás das cenas” de cada obra.



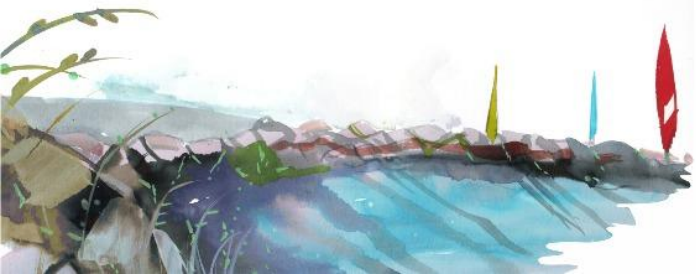
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A justa medida faz-se necessária, e, no caso do baralho de Pamela Smith, a pontuação acerca do difícil acesso às chaves de leitura do tarô são essenciais. Ao sabermos que, em sua biografia, Pamela Smith não teve acesso ao material de leitura completo para proceder com a sua ilustração e podemos atentar nossos olhos às soluções encontradas por ela para preencher essa lacuna e observar quais sentidos foram inovadoramente evocados por ela. Ao ser colocada nessa posição de mediadora entre o público leigo e o cânone de leitura do tarô da *Golden Dawn*, a artista precisou encontrar maneiras “autorizadas” de transpassar significados relevantes para cada carta, sem divulgar os segredos da sociedade secreta da qual fazia parte junto com seu contratante.

Pamela Smith inadvertidamente se coloca numa posição de guardião, autorizando diferentes níveis de compreensão das imagens, o que, conseqüentemente, pode gerar leituras múltiplas e mais ricas do que outros baralhos, cuja autoria e público estavam inteiramente voltados para o alto círculo da *Golden Dawn*, o que era costumeiro (FARLEY, 2009). O que Smith teve acesso é similar ao que nós, como público, teríamos acesso caso comprássemos o baralho em 1910: uma página de texto redigido por Arthur Waite (1857-1942), o elaborador do baralho e contratante de Pamela, que nos conta um pouco de suas intenções para a lâmina.

Com passos leves, como se a terra e seus obstáculos tivessem pouco poder para contê-lo, um jovem em vestes suntuosas está à beira de um precipício entre as grandes alturas do mundo; ele observa a distância azul à sua frente – a extensão do céu, em vez da perspectiva abaixo. Seu ato de caminhar ávido ainda é indicado, embora ele esteja parado naquele momento; seu cachorro ainda está saltando. A borda, que se abre para a profundidade, não traz a ele nenhum terror; é como se anjos estivessem esperando para sustentá-lo, caso ele saltasse daquelas alturas. Seu semblante é cheio de inteligência, sonhos e expectativas. Ele tem uma rosa em uma mão e na outra um bastão valioso, que pende sobre seu ombro direito e pendura uma bolsa curiosamente bordada. Ele é um príncipe do outro mundo em suas viagens por este – tudo em meio à glória matutina, no ar puro. O sol, que brilha atrás dele, sabe de onde ele veio, para onde está indo e como retornará por outro caminho depois de muitos dias. Ele é o espírito em busca de experiência. Muitos símbolos dos Mistérios Instituídos estão resumidos nesta carta, que reverte, sob fortes



extremos

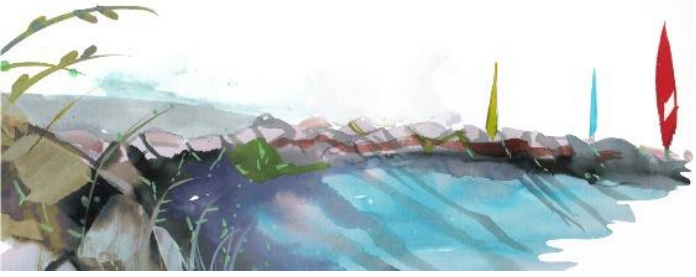
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

garantias, todas as confusões que a precederam. [...]. As explicações convencionais dizem que o Louco significa o âmbito corpóreo, carnal, a vida sensível, e, por uma sátira peculiar, seu nome subsidiário foi, em certa época, o alquimista, representando a loucura em seu estágio mais insensato. (WAITE, 1910. Trad. Minha²)

O texto aparenta ter consciência da potência dos formantes que compõem a carta, denotando a prioridade de Waite em guiar o que seria ilustrado (a forma) ao invés de direcionar ativamente a leitura dos significados da carta (o conteúdo). Os formantes plásticos, prenunciados por Ana Cláudia Oliveira e A.J. Greimas são descritos por Waite em seu texto como parte central daquilo que forma o sentido de sua lâmina.

Nos formantes topológicos, ou seja, aqueles acerca da exploração espacial das formas dentro da carta, vemos Waite ressaltar o senso de instabilidade dançante do *Louco*, com uma linha diagonal traçada do canto inferior direito, abaixo das patas do cão, e subindo até o canto superior esquerdo, que é onde o olhar do *Louco* se perde nos céus. Esse desequilíbrio proposital potencializado nessa linha diagonal de sua composição se opõe à linha firme e central de uma das pernas da figura principal, que tenta manter seus pés no chão, embora seu olhar esteja nos céus. O cão que o acompanha imita sua forma e suas diagonais, joga com o seu desequilíbrio dançante e proposital. Ele tem uma simetria vertical leve, indicadora de seu movimento, mas que não se postula como regra, especialmente em comparação com outras cartas propositalmente simétricas, como *O Diabo*, *Os Enamorados* ou *A Lua* (Imagem 2). Essa leveza de simetria é relevante para *O Louco*, que tem uma liberdade de movimento que independe de seu posicionamento visual na carta, apesar de sua centralidade alcançar nosso olhar com maior facilidade.

Os formantes eidéticos – ou seja, das formas – de *O Louco* utilizam de uma composição propensa às linhas diagonais, às curvas e ao *contraposto*, símile à carta *O Mundo* e *A Estrela*, que empregam movimentos de inclinação e de dança de seus personagens centrais (Imagem 3), se movendo com delicadeza, qualidade central à semântica dessas três cartas, que tratam de encarar a adversidade ou a rigidez com flexibilidade, como já mencionado por Waite na citação anterior.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

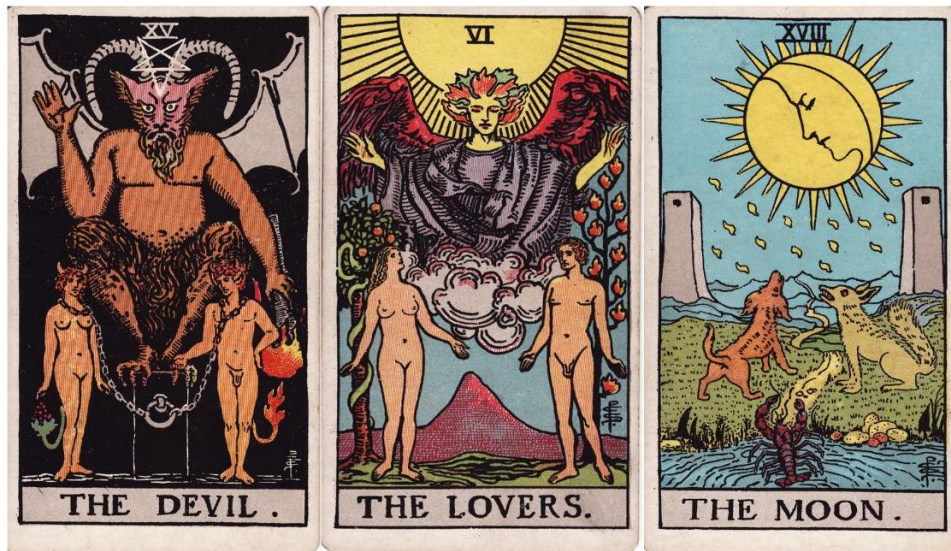
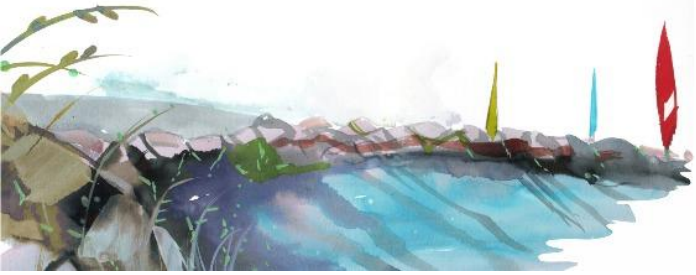


Imagem 2. Comparação entre cartas com simetria vertical (O Diabo, Os Enamorados, A Lua).
Ilustrado por Pamela Colman Smith para o Tarô encomendado por Arthur Waite. 1909. Inglaterra.
7cm x 11,5cm.



Imagem 3. Comparação entre cartas com inclinação e leveza (O Louco, O Mundo, A Estrela).
Ilustrado por Pamela Colman Smith para o Tarô encomendado por Arthur Waite. 1909. Inglaterra.
7cm x 11,5cm



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

O aspecto formal de *O Louco* fica mais evidente quando em comparação com cartas como *O Imperador*, *Justiça* e *O Pendurado*, cuja rigidez do corpo imita a postura simbólica e firme de seus personagens, que se colocam de maneira imperativa diante do observador, demonstrando para seu público que sua presença é intransponível. Ao contrário das duas anteriores, *O Pendurado* faz flexões com seus membros de maneira intencional, rompendo com a rigidez impositiva de sua condição de pendurado, mas ainda necessitando dessa firmeza para que seus movimentos tenham mais ênfase, fazendo-se notar pelo contraste entre movimento e inflexibilidade (Imagem 4).

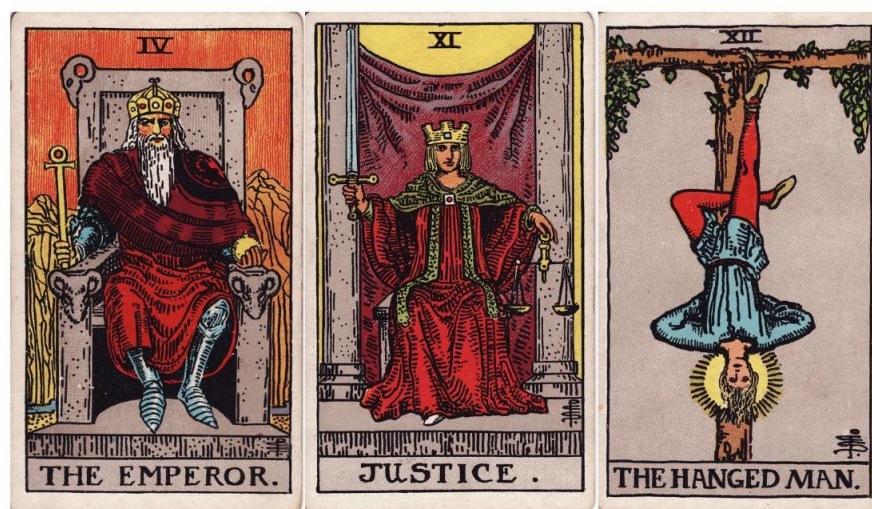
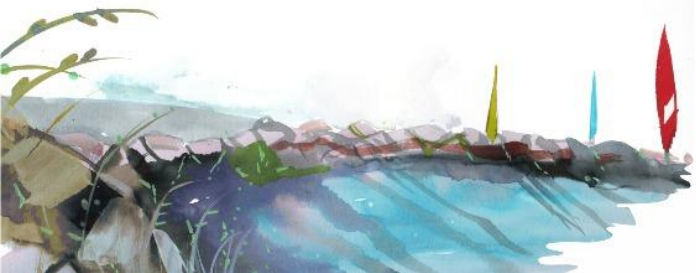


Imagem 4: Comparação entre cartas rígidas em forma (*O Imperador*, *Justiça* e *O Pendurado*). Ilustrado por Pamela Colman Smith para o Tarô encomendado por Arthur Waite. 1909. Inglaterra. 7cm x 11,5cm

Os formantes cromáticos de *O Louco* empregam cores fortes, vibrantes que destoam das três cartas anteriores, banhadas em tons cinzentos. Com vestes estampadas e um céu com amarelo brilhante, esse cenário e uso de cores de repete em outros exemplares no tarô Waite-Smith, incluindo em *A Imperatriz* e em *Força*, onde a intensidade das cores reside majoritariamente em seus planos de fundo (Imagem 5), denotando um personagem pautado em uma visão de mundo igualmente intensa,



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

vibrante, alegre, assim como suas vestes. A mesma conotação está presente nas vestes da personagem central de *A Imperatriz*, que, assim como *O Louco*, tem em suas vestes estampadas um sinal de riqueza, característico de sua condição social, que também é dividida com *O Louco*.



Imagem 5: Comparação entre cartas de cores vibrantes e altamente decoradas (*O Louco*, *A Imperatriz* e *A Força*). Ilustrado por Pamela Colman Smith para o Tarô encomendado por Arthur Waite. 1909. Inglaterra. 7cm x 11,5cm

Conclusões

A importância de um olhar atento e aberto à narrativa de cada carta faz parte do ofício do tarólogo, que precisa, em tempo real, costurar sentidos entre o cânone do tarô, a imagem nele trazida e a vida do consulente. Vez ou outra, o caminhar de *O Louco* pode se mostrar mais relevante para a narrativa conjunta com o seu consulente do que a parceria do personagem com o cão, ou, numa terceira ocasião, as vestes se tornam o ponto central de análise. Cabe ao tarólogo – e ao pesquisador, o idealizador, o artista e outros – balizar os caminhos relevantes pra observação semântica do tarô. A visão de Waite, ao idealizar o baralho, trazia uma proposta que



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

não se concretizou por completo – como podemos observar na sua descrição de um “céu azul” que não faz parte da ilustração final por Pamela Smith, que colore de amarelo os céus ansiados pelo *Louco*. Esse fato não faz de sua ideia obsoleta ou irrelevante, mas serve como um documento que pode, ou não, ser usado pelo mesmo grupo de observadores mencionados acima.

O mesmo vale para as imagens compostas por Pamela Smith, que, como já mencionado, nem sempre seguem à risca os padrões estabelecidos por Waite ou pela *Golden Dawn*, mas que, graças a isso, tomam uma outra identidade que é única e exclusiva à parceria entre Waite e Smith. Por conta da ousadia de Smith em manter o céu amarelado, denotando o nascer do sol da descrição de Waite, pudemos observar *O Louco* em relação às outras cartas de fundo amarelado, e tecer significados potentes entre elas, que dão coesão e coerência ao baralho e às suas leituras. Sabendo que esta é somente uma dentre as milhares de correlações que podemos fazer entre as cartas, somos presenteados pelo tarô com uma imensa capacidade de causar um afeto estético por conta de suas imagens ou de seus significados.

Essa ampla capacidade de leitura, quando habilmente direcionada pelo artista e sua equipe, é uma rica fonte a ser acessada pela semiótica francesa, que, quando utilizada como ferramenta, pode afiar um olhar aguçado que vê potência semântica em curvas de tecido, em céus amarelados, em linhas diagonais. Para o tarô, esse estudo e essa capacidade são de imenso valor por darem ao tarô uma de suas mais notáveis habilidades: a de ser como um livro de inúmeras leituras, que persiste ao tempo e que é notado como um item de formidável mutabilidade rica em possibilidades de apreciação.

Essa capacidade é tanta que, em vida, Aby Warburg (1866-1929) perscruta essas cartas, traçando paralelos entre baralhos e seus arcanos através dos séculos e identificando constâncias, *sobrevivências*, que chegam até os dias atuais ainda nos oferecem inúmeras leituras. A sabedoria guiada pela visualidade é parte do ofício do baralho de tarô e daqueles que pesquisam em arte.



Referências

DIDI-HUBERMAN, G. Atlas, or the anxious gay science. Chicago: The University of Chicago Press, 2018.

FARLEY, H. A cultural history of tarot: from entertainment to esotericism. London: I. B. Tauris, 2009.

GREIMAS, A. J. Semiótica Figurativa e Semiótica Plástica. Significação - Revista Brasileira de Semiótica, n. 4, 1984.

GUERRA, Nadam. Como tornar-se um artista mago: experiência e criação entre arte e magia ou aprendizados da Virgem do Alto do Moura e do Materializador de sonhos / Tese doutorado PPGARTES UERJ, 2019.

KAPLAN, S. R. The encyclopedia of tarot (vol. 1). 1. ed. New York: U.S. Games Systems, 1978. v. 1

NADOLNY, I. História do Tarô: Um Estudo Completo sobre suas Origens, Iconografia e Simbolismo. São Paulo, SP: Editora Pensamento, 2021.

NAIFF, N. Curso completo de tarô. 11. ed. [S. l.]: Editora Alfabeto, 2017.

OLIVEIRA, A. C. As Semioses Pictóricas. Face, Revista de Semiótica e Comunicação, v. 4, n. 2, p. 28, 1995.

THOMAS, P. et al. Gaming and divination pieces, markers of ownership, or all three? Zooarchaeology and the interpretation of knuckle bones found in tombs of the Iberian necropolis of El Poblado (Coimbra del Barranco Ancho, Murcia, Spain). *Anthropozoologica*, [s. l.], v. 57, n. 6, 2022. Disponível em: <https://bioone.org/journals/anthropozoologica/volume-57/issue-6/anthropozoologica2022v57a6/Gaming-and-divination-pieces-markers-of-ownership-or-all-three/10.5252/anthropozoologica2022v57a6.full>. Acesso em: 12 jun. 2025.

WARBURG, A. Atlas Mnemosyne. Madrid: Akal, 2010.

Notas

¹ Mirna Xavier Gonçalves é doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pesquisa enfatizando o tarô como objeto de pesquisa na área de História, Teoria e Crítica de Arte. Currículo Lattes: lattes.cnpq.br/9375284672871425. ORCID: orcid.org/0000-0001-6362-3975

² O original de Arthur Waite se encontra em língua inglesa a seguir: "With light step, as if earth and its trammels had little power to restrain him, a young man in gorgeous vestments pauses at the brink of a precipice among the great heights of the world; he surveys the blue distance before him-its expanse of sky rather than the prospect below. His act of eager walking is still indicated, though he is stationary at the given moment; his dog is still bounding. The edge which opens on the depth has no terror; it is as if angels were waiting to uphold him, if it came about that he leaped from the height. His countenance is full of intelligence and expectant dream. He has a rose in one hand and in the other a costly wand, from which depends over his right shoulder a wallet curiously embroidered. He is a prince of the other world on his travels through this one-all amidst the morning glory, in the keen air. The sun, which shines behind him, knows whence he came, whither he is going, and how he will return by another path



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

after many days. He is the spirit in search of experience. Many symbols of the Instituted Mysteries are summarized in this card, which reverses, under high warrants, all the confusions that have preceded it." (WAITE, 1910).